

**NONA
EDIÇÃO**

**COMO FOI A NOSSA
PUBLICAÇÃO?**

20 DE OUTUBRO

DE 2025



Ficha Técnica

Direção de criação:

Maria Gabriela Cardoso

Produção:

Maria Gabriela Cardoso

Capa:

Walter JS Coutinho

Colaboradores:

Adeneri Nogueira de Borba, Antonio Sodré, Caio Araujo, Cecília Lorca, Chirles Oliveira, Conceição Costa, Daniel de Sousa Silva, Draylton Tavares, Eliane B. Lago, Gustavo Tanus, Iteuane Casagrande, Letícia Zampiêr, Lucas Villela, Luiza Teixeira Natale, Maria Gabriela Cardoso, Maria José de Melo, Marina Pacheco, Marina Stolfi, Matheus Roberto, Meire Moraes, Nina Pinheiro de Britto, Renata Mathias de Lima, Tatianna Duarte, Vinicio Moreira da Silva Filho, Walter JS Coutinho

Comercial:

revistaescribas@outlook.com
coletivoescribas@outlook.com

(Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc).

**NENHUMA PÁGINA DESTA REVISTA FOI FEITA COM
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**

SUMÁRIO

1. Capa

2. Ficha Técnica

3. Sumário

5. Colunistas

**8. TEMA DA CAPA: COMO FOI A NOSSA
PUBLICAÇÃO? - MARIA GABRIELA CARDOSO**

10. Desenho da capa – Walter JS Coutinho

**11. DISTRIBUIÇÃO DA 8° EDIÇÃO DA
REVISTA ESCRIBAS**

12. ESCRITA E SAÚDE - CHIRLES OLIVEIRA

**14. O PODER DA LITERATURA - CONCEIÇÃO
COSTA**

16. Fotografia - Iteuane Casagrande

18. UM DIA DE CADA VEZ – LUCAS VILLELA

**20. SOLTA O VERBO – MARIA GABRIELA
CARDOSO**

22. Desenho da Contracapa - Walter JS
Coutinho

**23. ESCRITORA VOZ DO POVO – MARIA JOSÉ
DE MELO**

25. CHÁ DE BOLDO E DEVANEIOS

(IN)SÚPORTÁVEIS – MARINA STOLFI

SUMÁRIO

27. CONTEMPLATIONIS – MATHEUS

ROBERTO

29. Colagem - Luiza Teixeira Natale

30. CRÔNICAS DO MÊS – RENATA MATHIAS

DE LIMA

32. POESIAS, CONTOS & CRÔNICAS

37. TEXTOS VENCEDORES DA NOSSA

CHAMADA

42. Fotografia – Marina Pacheco

57. APOIE O NOSSO TRABALHO

58. Contracapa

COLUNISTAS

CHIRLES OLIVEIRA

É baiana, reside atualmente em Cascavel-PR. Formada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, licenciada em Letras e Filosofia, bacharelado em Psicanálise. Poeta e escritora, Doutora Honoris Causa pela Academia de Letras do Brasil-SP, onde ocupa a cadeira 38. Autora de “O Reflexo atual da subjugação feminina” e outros livros de poesias, contos e infantis, participa em dezenas de antologias.



CONCEIÇÃO COSTA

A autora é piauiense, mas brasiliense de coração. Advogada de Direito das Famílias e Sucessões, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Águas Claras - DF, Academia Independente de Letras - PE, Academia de Letras de Águas Lindas de Goiás, do Coletivo Escribas e colunista da Revista Escribas. Administra no Instagram o perfil literário “conversos_e_poesias.” Ama livros, felinos, aromas, natureza e música.

LUCAS VILLELA

Escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.



COLUNISTAS



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas, faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.

MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco e atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes (PE). É escritora, geógrafa e poetisa. Atualmente é membro do Coletivo Escribas e da Comunidade dos Escritores Admiráveis, da LC - Agência de Comunicação. Autora dos livros: A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco e A Jitirana Poética.



MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas, SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente.

COLUNISTAS

MATHEUS ROBERTO

Sou um mero escritor que caminha num pátio noturno esperando acolhimento das sombras. Tenho 25 anos, escrevo faz pouco tempo, mas já produzi muita coisa. Amo a arte, mas especialmente a poesia e a pintura; naturalmente coincido as obras de arte com os textos. Acredito que a pintura e o poema são uma coisa só. Gosto bastante da arte "dark": o gótico, o grotesco, o horror e outras formas "negativas" de expressão.



RENATA MATHIAS DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentes e Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.

COMO FOI A NOSSA PUBLICAÇÃO?

Em 2025, vivi uma das etapas mais especiais da trajetória da Revista Escribas. Depois de dois anos como uma publicação digital, fomos selecionados no edital **Circuito Catarinense de Cultura** e conquistamos algo que sempre sonhei: duas edições impressas da revista. Foram 300 exemplares produzidos e distribuídos gratuitamente em Porto Belo, Itapema e Bombinhas, com prioridade para comunidades em situação de maior vulnerabilidade social.

A primeira entrega aconteceu no dia 16 de setembro de 2025, na Escola Tiradentes, em Porto Belo (SC). Além de receberem as revistas, convidei os estudantes a enviarem suas próprias produções literárias e artísticas para as próximas edições. Poucos dias depois, em 19 de setembro, deixamos exemplares na Biblioteca Municipal Donato Ananias D'Almeida, também em Porto Belo (SC), onde agora a revista faz parte do acervo disponível para toda a comunidade. No dia 24 de setembro, foi a vez da Biblioteca Municipal Cruz e Sousa, em Bombinhas (SC), receber nossos exemplares impressos.

TEMA DA CAPA

Encerramos o mês com mais duas ações que me encheram de alegria: no dia 29 de setembro, entregamos revistas à Biblioteca Municipal Tancredo Neves, em Itapema (SC), e no dia 4 de outubro, participamos de um evento promovido pela Pastoral da Criança, em parceria com o Instituto Pitangueiras e a Associação Flor de Lis, em Porto Belo (SC). Nesse encontro, diversas famílias em situação de vulnerabilidade puderam levar um exemplar para casa.

Cada entrega, cada conversa e cada olhar curioso reafirmam o motivo de tudo isso existir: levar a cultura a quem mais precisa dela. E essa é, sem dúvida, uma das partes mais bonitas de fazer a Escribas acontecer.



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas. Faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.



WALTER JS COUTINHO

Fiel à sua missão de democratizar o acesso à literatura, reunimos nossas vozes em um projeto que nasceu de um sonho: o sonho de um coletivo de autores apaixonados pelo que fazem. A cada nova edição, crescemos, amadurecemos e colecionamos conquistas, escrevendo juntos uma trajetória de prestígio e emoção.

Contemplada pela Lei Aldir Blanc, a Revista Escribas celebra agora sua nona edição, disponível nos meios digitais e, com alegria redobrada, distribuída também em formato físico. Nada mais justo do que trazer para a capa desta última edição do ano a cara (literalmente) do grupo que tornou tudo isso possível: o Coletivo Escribas, em parceria com a querida Beija-Flor Editorial.

Lhes trago, nessa ilustração, uma cena que materializa o nosso desejo quanto coletivo: o de estar junto, fazendo parte dessa distribuição. A distância, é verdade, sempre é um revés. Somos 37 escritores espalhados por todo o país. Ainda assim, estamos aqui, empenhados e sempre dispostos a entregar nosso potencial artístico neste lindo projeto.

Deixo aqui minha homenagem aos agentes responsáveis por essa conquista. Que em 2026 possamos ir além, celebrando juntos cada nova vitória. Muito obrigado!

Cidade/estado: São João da Barra/RJ.
Perfil do Instagram: @autorwalterjscoutinho

DISTRIBUIÇÃO DA 8ª EDIÇÃO DA REVISTA ESCRIBAS



"Quem lê, também escreve esta história"



ESCRITA E SAÚDE

NEM SÓ DE LETRAS VIVE UM ESCRITOR

Um bálsamo para a mente cansada

(...) Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável... seja isso o que ocupe o vosso pensamento. Filipenses 4:8

Vivemos em uma era marcada pela tecnologia. Celulares, tablets e computadores já não são apenas ferramentas de trabalho ou estudo, tornaram-se extensões de nossa vida social e até de nossos momentos de lazer. O problema é que o uso excessivo das telas está remodelando a forma como nosso cérebro funciona. Um estudo publicado na JAMA Pediatrics (2023) mostrou que crianças expostas por mais de quatro horas diárias a dispositivos digitais apresentaram alterações em áreas do cérebro relacionadas à atenção e à regulação emocional. Entre adultos, pesquisas da Universidade de Harvard têm associado o tempo em frente às telas ao aumento da ansiedade, à dificuldade de concentração e à redução da qualidade do sono. Em contrapartida, a leitura, especialmente de bons livros, continua sendo uma prática que nutre, fortalece e expande a mente. Um estudo da Universidade de Sussex, no Reino Unido, revelou que apenas seis minutos de leitura são capazes de reduzir os níveis de estresse em até 68%. Além disso, pesquisas em neurociência indicam que a leitura regular fortalece conexões neurais, melhora a memória de longo prazo e desenvolve a empatia, ao nos colocar no lugar de personagens e

realidades diversas. Embora tenha vivido em outro século, a escritora Ellen G. White já alertava para os perigos de sobrecarregar a mente com conteúdos superficiais: “A mente se torna fraca e incapaz de esforço vigoroso, quando é alimentada apenas com coisas triviais.” Essa reflexão dialoga com a nossa realidade, quando passamos horas imersos em conteúdos rápidos e fragmentados das telas, arriscamos empobrecer nossa capacidade de pensar de forma profunda e crítica. Mais do que um lazer, a leitura é um verdadeiro bálsamo para a mente. Assim como o corpo precisa de movimento e descanso equilibrados, o cérebro também precisa de estímulos saudáveis para se desenvolver. Trocar alguns minutos de rolagem infinita nas redes sociais por capítulos de um bom livro pode trazer benefícios que vão desde a melhora da memória até o fortalecimento do raciocínio e da criatividade. Que tal hoje mesmo reservar um tempo para essa prática tão simples e transformadora? A leitura pode ser o antídoto equilibrador diante do excesso de estímulos digitais.

CHIRLES OLIVEIRA

É baiana, reside atualmente em Cascavel-PR. Formada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, licenciada em Letras e Filosofia, bacharelado em Psicanálise. Poeta e escritora, Doutora Honoris Causa pela Academia de Letras do Brasil-SP, onde ocupa a cadeira 38. Autora de “O Reflexo atual da subjugação feminina” e outros livros de poesias, contos e infantis, participa em dezenas de antologias. Atleta, busca viver um estilo de vida saudável. Se considera um ser humano em construção.



@chirles.oliveira





O Poder da Literatura

BIBLIOTERAPIA: PÁGINAS QUE DISSIPAM DORES

A literatura permeia o mundo assim como influencia na conexão com o próprio eu, isso já sabemos. O que ainda é pouco conhecido por muitos leitores é que o poder terapêutico dos livros tem conquistado cada vez mais o seu lugar na área da saúde. Pesquisas científicas comprovam sua eficácia, de modo que tem sido usada como ferramenta auxiliar no cuidado da saúde mental, complementando os tratamentos tradicionais. Nesse compasso, surgiu a Biblioterapia, que nada mais é do que o uso intencional e estruturado da leitura, seja de livros na sua integralidade, poesias, contos e outras formas de escrita. Isso para fomentar o bem-estar e o autoconhecimento, ou seja, ela acaba transformando o ato de ler que, muitas vezes, é feito de forma automática e solitária, em ferramenta para transformação pessoal. O processo é feito por meio da identificação com as histórias ou personagens, a liberação das emoções e reflexões que nos ajuda a reavaliar nossos próprios conflitos, proporcionando fortalecimento emocional, transformando o mundo a nossa volta a partir de nós mesmos. O reconhecimento desse poder terapêutico, criou entre os profissionais chamados de biblioterapeutas ou mediadores, a necessidade de organização. Embora a profissão ainda não tenha o reconhecimento legal no Brasil, foi criado o movimento Pró -

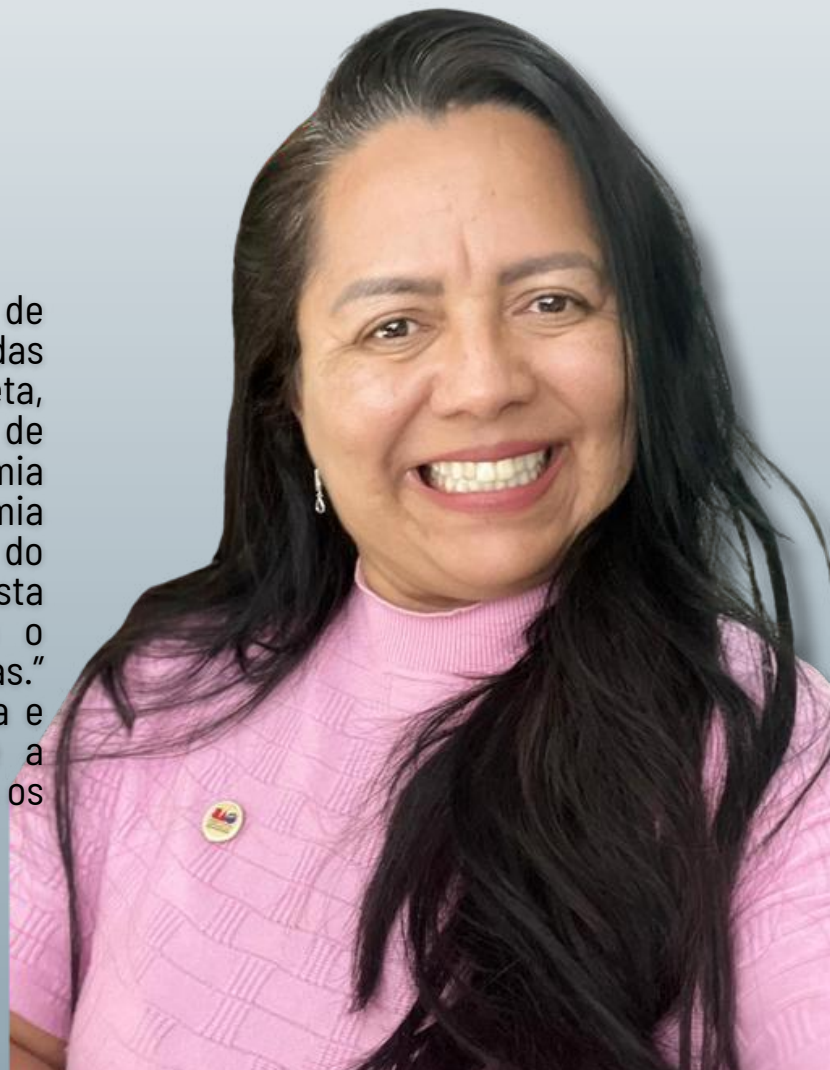
Associação Brasileira de Biblioterapia – ABB, que no último dia 30 de setembro, realizou a Assembleia de Fundação da referida associação, um verdadeiro marco histórico para área. Já com sua fundação consolidada, a associação tem dentre suas demandas a inclusão da Biblioterapia no rol das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), buscando a sua incorporação oficial junto ao SUS – Sistema Único de Saúde, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Fato é que a Biblioterapia está cada vez mais se consolidando no Brasil, a exemplo de outros países, buscando o resgate de leituras mais detidas e intencionais, com reflexões mais profundas, nos apresentando com a conexão com outros leitores que se unem no mesmo propósito, qual seja, a melhoria da saúde mental, proporcionando mais qualidade de vida e bem-estar.

CONCEIÇÃO COSTA

A autora é piauiense, mas brasiliense de coração. Advogada de Direito das Famílias e Sucessões, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Águas Claras - DF, Academia Independente de Letras - PE, Academia de Letras de Águas Lindas de Goiás, do Coletivo Escribas e colunista da Revista Escribas. Administra no Instagram o perfil literário "conversos_e_poesias." Ama livros, felinos, aromas, natureza e música. Tem alma de poeta e vê a poesia diante de seus olhos em todos os lugares.



@conversos_e_poesias



SELECIONADOS DA CHAMADA





ITEUANE CASAGRANDE

Cidade/estado: Berlim/Alemanha
Perfil do Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

UM DIA DE CADA VEZ

Saúde Mental — Poesia — Versos



QUAL SENTIMENTO QUE TE DEFINE?

**Em vinte e quatro horas do tempo,
passamos por diversos detalhes,
momentos e sentidos.**

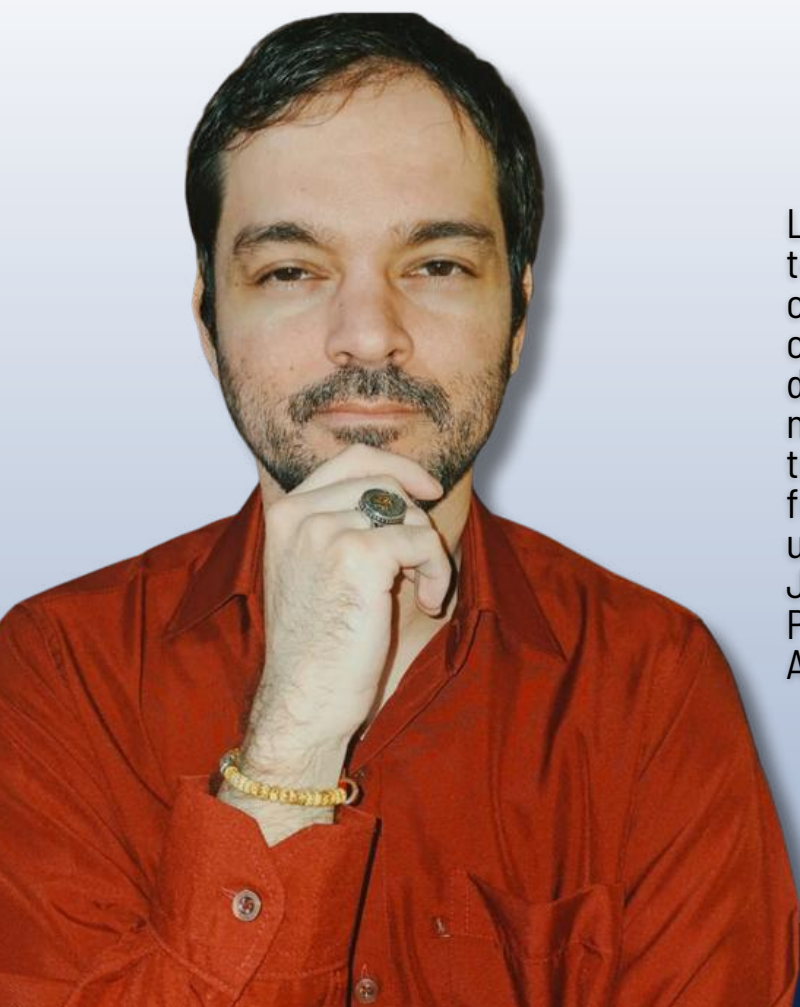
**Acordar é esperançoso,
dormir vira descanso
e, muitas vezes, alívio.
Ciclo que se repete.**

**Sociedade que impõe,
vida robótica que persiste.
Suas decisões de vida são
contaminadas.
E, quando você olha,
você está preso.**

**Talvez em um espaço ou seita,
muitas vezes em sua mente,
ou, frequentemente, em pessoas.**

**Hora de mudar,
despertar para valer
e começar a se cuidar.**

**Busque aprender,
a ter empatia
e respeito de verdade.
Pela humanidade (precisamos)
e, claro...
por você!**



LUCAS VILLELA

Lucas Villela é escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.

@lucassvillela





SOLTA O VERBO

Geração Z

**Rolo o feed, fecho apps, mas eles estão por todos os lados:
Blogueirinhas aplicando golpes,
influencers fingindo que estão com câncer,
crianças sendo sexualizadas diante de todos,
tudo em troca de likes.**

São sempre as mesmas caras, os mesmos corpos:
bocas de pato, dentes de piano, cílios de vassoura,
bombados sem saúde, perfeição sem autoestima.
Mortes precoces por procedimentos desnecessários.
Temos contatinhos demais e corações partidos.
Viramos vitrines humanas, padrões forjados,
com vidas montadas.

Mas, por dentro, estamos depressivos e ansiosos.

**Por todos os lados, cantores sem voz, autotune no máximo,
músicas tão ruins e repetitivas que vencem pelo cansaço.**

**Artistas sem amor pela arte, correndo atrás das trends,
medrosos e sem personalidade.**

São simplesmente mais do mesmo, a cópia da cópia.

Nos vídeos, herdeiros ostentando dinheiro,
enquanto ensinam o pobre a perder os R\$1.500 de salário nas bets.
A maioria é famosa, mas ninguém sabe o motivo.

Gente sem talento, que se mantém em destaque simplesmente jogando suas intimidades na tela.

Alguns fazem filhos só pra monetizar, mas quem cria é a babá.

Porque, no fim, o que importa é seguir a tendência do momento. Nas escolas, red pills, incels,

jovens que não conhecem o mundo além do quarto.

Somos uma geração sem senso crítico, autocentrada e emocionalmente limitada.

E performar se tornou mais importante do que viver.

Crescemos com pais esgotados e fomos criados pelos computadores e celulares que eles nos deram.

Somos a geração que aprendeu que ter lazer e consumir cultura é rolar feeds e assistir stories de subcelebridades inúteis, enquanto ignoramos o fato de que cinemas, livros e festivais se tornam cada vez mais caros e distantes da nossa realidade.



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas. Faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.

@luapinkhasovna





WALTER JS COUTINHO

Risos, empolgação, olhares curiosos e rostinhos iluminados de felicidade. São esses os retratos que marcaram a recepção calorosa do público durante a distribuição da oitava edição da Revista Escribas.

Queríamos eternizar estes instantes, capturar em traços e cores a beleza simples e genuína de quem recebe a literatura de braços abertos. Assim nasceu a ideia desta ilustração, que agora embeleza a contracapa da nossa nona edição.

Que nossos textos continuem alcançando corações, despertando sorrisos e, sobretudo, fazendo florescer em cada leitor o amor sincero pela arte de ler.

Cidade/estado: São João da Barra/RJ.
Perfil do Instagram: @autorwalterjscoutinho



ESCRITORA VOZ DO POVO

TRIBUNAL POPULAR

Você já ouviu falar do Tribunal Popular? Você sabia que a iniciativa popular, junto de um juiz, advogados populares, movimentos sociais e um grupo de testemunhas de acusação, pode dar sentença em casos que nunca foram julgados pela justiça e merecem, portanto, serem debatidos e apurados?

Leia esta coluna para saber mais e fique por dentro sobre o Tribunal Popular que aconteceu no município de Jaqueira, na Região da Mata Sul de Pernambuco. A comunidade camponesa de Barro Branco, localizado na zona rural do município de Jaqueira-PE, sediou no domingo (5) de outubro de 2025, o Tribunal Popular: de quem são as terras da Usina Frei Caneca? As entidades organizadoras foram o Comitê de Solidariedade à Luta pela Terra (CONSOLUTE), o Comitê de Apoio à luta dos Posseiros de Barro Branco e a Associação Brasileira dos Advogados do Povo–Gabriel Pimenta (ABRAPO). Com o intuito de debater e julgar os crimes cometidos pelos seus supostos donos das terras da antiga usina e empresas arrendatárias contra as comunidades camponesas que lá vivem e produzem. Neste evento também celebrou a passagem de um ano da Feroz Batalha de Barro Branco. Onde a resistência dos posseiros, repeliu bravamente o ataque criminoso de mais de 50 homens armados do “Invasão Zero”, ateando fogo na produção dos camponeses, tentando derrubar suas casas e atirando contra as pessoas.

Mas foram barrados e expulsos, porém nunca punidos pelo judiciário. O Tribunal Popular de Barro Branco reuniu advogados populares, militantes sociais, camponeses, pesquisadores, estudantes e professores para debater as disputas de terras, informações judiciais e avaliar e condenar as condutas de autoridades e agentes do Estado envolvidos no conflito agrário das terras da Usina Frei Caneca.

**VIVA A RESISTÊNCIA CAMPONESA DE BARRO BRANCO!
TODA SOLIDARIEDADE À LUTA CAMPONESA PELA
TERRA NO BRASIL!**



MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco, atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes-PE. É escritora, geógrafa, colunista e poetisa. Autora dos livros: *A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco* (2021), publicado pela editora Índica, *A Jitirana Poética* (2023), pela editora Toma Aí Um Poema e *Memórias Literárias de Amora: uma cartamanifesto* (2025), publicado pela Beija-flor editorial e continua escrevendo o seu projeto autobiográfico.

@mariademelo_escritora





Chá de boldo e devaneios (in)suportáveis

Qual história você se conta?

Eu me conto a história de que deveria ter escrito essa coluna há muito tempo, no entanto, estava contando e vivendo outras histórias. No presente, tento recordar o que estava pensando quando decidi escrever sobre isso, pois o prazo está curto e eu estou sendo intelectualmente desafiada ultimamente. Ser artista não é fácil, amigos.

Somos, como humanidade, a todo tempo desafiados pelas escolhas alheias e as próprias histórias que repetem a si sempre como verdade. Vim aqui falar da potência que as narrativas têm, correndo o risco de parecer um guru de marketing, mas ultrapassando o que normalmente é dito, não vim pra dissertar sobre o que você conta aos outros influenciando o seu exterior, mas sobre a narrativa de vida que você assume pra si mesmo.

O que você pensa a respeito da sua vida, impacta muito mais do que pode imaginar. Pensamentos guiam ações e ações mudam nossas vidas. Tenho uma forma muito peculiar de imaginar minha trajetória, faço várias associações e metáforas particulares.

Todos nós temos histórias únicas, aquela situação pela qual você passou pode ser parecida com a de outra pessoa, mas nunca igual, somos pessoas diferentes com personalidades e perspectivas diferentes. Isso conta muito sobre como lidamos com as situações. A ideia é sempre lidar da melhor forma de acordo com as normas do mundo, mas também com suas próprias especificidades e conexões que seu cérebro faz.

Há uma subjetividade aí, mas a conversão para o objetivo transforma mais do que percebemos no dia a dia. Tudo isso para te dizer que seu ponto de vista e a relevância que dá pras coisas, as referências próprias, tudo isso tem o poder de suavizar, ou de piorar dores, dependendo do quanto acredita em si e que pode se ajudar. Ex: eu tomava uma chuvinha e ficava incomodada demais com cada pingão, mas ultimamente trato como algo passageiro, que posso aproveitar e observar o fenômeno até o momento que passar e eu estar com a toalha morna em mãos. Qualquer coisa, continuamos essa conversa na próxima! Até!

MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas-SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente, explorando e inventando mundos em poesia e ficção, contando com diversos e-books e uma fantasia disponível em livro físico.

@marinastolfi.autora



CONTEMPLATIONIS

TEMA — CONTEMPLAÇÃO

Orfeu e Ophélia

Aprofundei-me em teus olhos e notei o inferno de nossas idealizações. Teu nome contorna o meu, mas os teus passos, Ophélia, foram para trás, como se você estivesse distante de tuas próprias escolhas. Pegávamos o mesmo ônibus todos os dias e, convenientemente, você deixava um livro à mostra, posicionado num ângulo que me fizesse lê-lo.

Às vezes o ônibus estava cheio e eu não podia te admirar. E as coisas eram diferentes: a ansiedade crescia e nossos olhares de soslaio apagavam-se numa vontade enorme de se reencontrar. Teu interesse por romance de época me acalmou o coração que, com medo de ser mais um homem genérico daqueles que idealizam, fizesse você perder o interesse por mim. Quando te vi com o livro de Shakespeare, eu sabia que você deveria ser minha.

Recorda-se da primeira carta de amor? O meu capricho com ela selada com adesivo personalizado te apresentou um homem desesperado. No fundo, eu sabia que tudo isso culminaria em desastre, tal como uma história clichê de tragédia romanesca, sabia que a nossa não poderia ter um final feliz. Nosso primeiro encontro, pelo contrário, foi de muita felicidade. Seus cachos ébanos coroavam sua cabeça enquanto sua pele escura reluzia a luz do sol. Nesse brilho eu me senti convidado a me cegar. Fico aqui no banco da praça tecendo olhares por todos os cantos, esperando que, num ímpeto, a sombra singular de teu corpo reflita à minha frente.

Minha querida, os sonhos mil que tanto tive contigo, não se comparam ao mundo real. Você me beijou. Eu te guiei para dentro de mim. Eu te quis mais do que eu mesmo. O inferno da vida é que te procuro e tua voz encantadora perdeu-se num limbo tão estranho. Ophélia, o seu Orfeu ainda te espera.

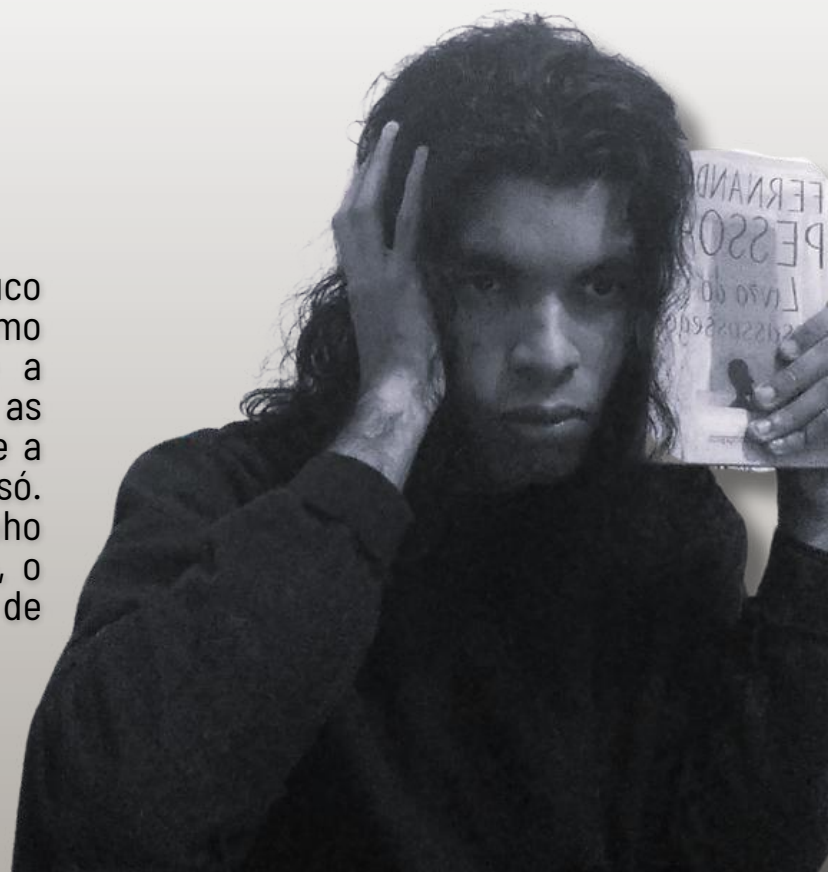
E se voltares, tudo será esquecimento.

MATHEUS ROBERTO

Tenho 26 anos, escrevo faz pouco tempo, mas já produzi muita coisa. Amo a arte, especialmente a poesia e a pintura; naturalmente coincido as pinturas com os textos. Acredito que a pintura e o poema são uma coisa só. Adoro a arte clássica, mas nutro carinho pela arte dark: o gótico, o grotesco, o horror e outras formas "negativas" de expressão.



@_reirazinho



SELECIONADOS DA CHAMADA



LUIZA TEIXEIRA NATALE

Cidade/estado: Rio das Ostras/RJ
Perfil do Instagram: @psiluizanatale

CRÔNICAS DO MÊS

O nosso tamanho nos revela

Num mundo em que o nosso tamanho material nos diz o nosso lugar, ser grande se torna uma obsessão. Mas o que é ser grande? Quando fazemos esta pergunta, um nó se cria e ficamos presos nos nossos contrassensos. Por que nos atrapalhamos com perguntas tão simples? Talvez por seguirmos o caminho mais fácil e pisado por muitos. Acho que nos enganamos. Alguns já perceberam isso. Outros estão desconfiados. E outros tantos ainda se demoram lá do outro lado. O nosso tamanho material importa, sim, mas dentro do tamanho que ele verdadeiramente tem. Os exageros e os excessos nos cegam para vistas mais belas. Dispensamos a lupa que a vida, gentilmente, nos cede para enxergarmos melhor o mundo sobre o qual caminham os nossos pés. O nosso tamanho material nos permite desfrutar de coisas boas. Hipocrisia seria dizer o contrário. Mas é só. Nada além disso. E, infelizmente, como não percebemos esta sutileza, acabamos nos perdendo em nós mesmos, porque valorizamos demais algo que será, se não cuidarmos, o nosso próprio algoz: o nosso grande tamanho material. Nossas grandezas materiais corrompem nossas atitudes enferrujadas e despreparadas. Nossas grandezas morais nos levam longe. Ensinam-nos sobre a importância da solidez e da constância. Elas nos preenchem enquanto as outras nos esvaziam.

Ser grande moralmente significa enxergar que a grandeza material poderá nos empobrecer, se não cuidarmos dos nossos olhares, atitudes e conclusões imaturas. Dar nova ordem aos nossos contextos e estarmos desatentos às oportunidades e aos pedidos que são nossos, mas que nossas vozes altas calam. A dor que nos cobra que respeitar os nossos limites é fundamental se quisermos aumentar de tamanho. Retrospectiva. Perspectiva. Expectativa. Três faces da mesma moeda. Um ponto de vista que nos impede de ver o outro. Uma crença de que podemos ser grandes sempre, mas nos esquecemos de combinar com os russos. É preciso cuidar das nossas fronteiras. Daquilo que achamos que podemos em função de um tamanho que não temos, porque nos esquecemos de cuidar de outros tamanhos importantes. Cuidar das nossas intenções como um recurso. Até poderemos passar despercebidos na multidão, na nossa arrogância do tamanho. Mas a vida é ocupada demais para ceder a caprichos.

RENATA M. DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentese Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.



@mentese frutos



**REVISTA
ESCRIBAS**

**POESIAS
CONTOS &
CRÔNICAS**

**REVISTA
ESCRIBAS**

DO SILÊNCIO AO CANTO

A voz escapa-me, como a
folha que dança ao vento.
Ganha o céu de nuances
azul curvilíneo,
onde tudo ecoa num tempo
sem tempo. Nem sempre foi
assim... a voz sussurra.
Na pedra dura, bateu até
furar. E dela escorreu o rio
que tanto ansiou beijar o
mar, mas nem sempre foi
assim... a voz desfila na garça
que paira no lago.
Em leve revoada logo se
distancia. E transcende ao
cardume

que apara o pão
da mão que brinca em silêncio.
Demorou pra ser assim...
A voz, agora pesca palavras:
ouço-a no riso das crianças, no
canto dos pássaros,
na flor que desabrocha, no sol
que se põe e sorri a cada
respiro nostálgico.
Brilha com a lua no horizonte,
Dança sob o olhar das estrelas,
e canta em tons que deliram a
alma.
Tece alegre a tapeçaria da vida,
Porque esta voz, agora paira em
tudo que lhe sorri.



ADENERI NOGUEIRA DE BORBA

É pedagoga, Mestre em Educação e presidente da Academia brasileira de Letras- Seccional Barra velha/SC, cidade onde reside. É escritora, autora do livro *Elucidações Poéticas*. Atualmente é doutoranda em Educação, membro do grupo de pesquisa Cultura, escola e Educação Criadora.

@ade_e_a_literatura_magica



ELA VEM DO MAR

Ela vem do mar
 Vestido branco a esvoaçar...
 Do mar ela vem
 Cabelos ao vento... a flutuar
 Bela mulher...
 sorriso no rosto
 Flores, frutos e amor
 Mãe de todos... compaixão
 Peixes, doces... renovação
 Água fresca... eu mergulho
 Devoção... meu orgulho
 Bela mãe
 mãe de todos
 Vejo-a assim, complacente
 Braços abertos... plenitude
 Venha mãe... meu consolo,

venha me proteger
 Dá aos navegantes... a
 esperança
 aos marinheiros... a segurança
 E quando a brisa sopra forte e
 o oceano se agita...
 Minha doce mãe, sempre vem
 me salvar!
 Oh... Rainha do Mar,
 dos navegantes,
 dos esperançosos
 dos marinheiros
 dos receosos
 vem...

CECÍLIA LORCA

Bióloga, pedagoga, professora aposentada e escritora apaixonada! Atualmente é membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e do Coletivo Escribas. É autora de 11 livros, entre eles Laurita e Viatoris. Participou da Antologia de Contos e Poesias lemanjá Rainha do Mar, que foi finalista do Prêmio Ecos da Literatura 2023 e organizou a Antologia de Contos e Poemas sem a letra A. Nunca desistiu de seus sonhos e segue pesquisando e escrevendo para entregar aos leitores obras de qualidade.

@cecilialorca_escritora



COMUNICAÇÃO E MÚSICA

Quando ouvimos música, muitas vezes não atinamos para o ato da comunicação realizado por ela. De sua intenção. Essa manifestação artística ocupa normalmente a área do lazer na nossa vida. Temos ela como uma distração, um divertimento, um momento de relaxar e colocar para fora nossos problemas.

Como músico, além de escritor, conversei com bastante gente do meio musical e percebi a intencionalidade clara no momento de produzir. Os sons, a organização deles, os sentimentos que se deseja despertar em quem a ouve, a mensagem desejada e vários outros elementos para comunicar algo a alguém.

A seleção de tonalidade, as escalas, o timbre, os instrumentos a serem usados na composição, tudo isso, e muito mais, influencia quais sentimentos irão vir a tona no ouvinte. Se ele ficará mais relaxado, se irá se exaltar, se ficará melancólico, e muitas outras emoções estão nesse leque desejado pelo músico. A sonoridade não é inocente, ela é plena de intenção, de significado, de mensagem. Não só a letra, mas a melodia. Se a intenção é criar consciência crítica ou manter a passividade social, o ritmo e a harmonia estão lá para trazer isso.

Músicas mais elaboradas, com ampla variedade de instrumentos e com alto grau de complexidade são criadas de forma proposital, exigindo muito mais do ouvinte. Já as músicas com batida repetitiva e um pequeno campo harmônico, podem até trazer conforto, mas diminuem a exigência de interpretação.

A partir de agora, ouça suas músicas favoritas e tente identificar quais sentimentos elas despertam em você. São complexas, são simples? A partir disso tente conectar quais músicas podem se comunicar umas com as outras e por quê. Há um universo de possibilidades trazido pela música.



DRAYLTON TAVARES

Nascido em Recife no dia da mentira de 1986, é contista, poeta e escritor. Escreve há vinte anos, mas só recentemente tomou coragem e colocou seu bloco na rua. Com a literatura no campo do terror, da ficção especulativa e da crítica social. Lançou o livro *Sexta-feira: 13* contos de horror moderno e os contos: *Quando a Carapuça Coube*, *O Onironauta* e *Imitação Autômata*.

@draylontavares



**REVISTA
ESCRIBAS**

**TEXTOS
VENCEDORES
DA NOSSA
CHAMADA**

**REVISTA
ESCRIBAS**

Mercúrio (Hg)

No início, sou apenas uma pedra de coloração vermelho-vivo e aspecto vítreo que é minerada. Poderia muito bem virar decoração em cima da prateleira de uma casa qualquer. Mas removem o oxigênio ao meu redor e me aquecem a cerca de 740 graus Celsius. Liberto-me, como uma borboleta prateada que se dissolve ao sair do casulo. Rebelde, não me comporto como metal que sou. Em condições naturais de temperatura e pressão, sou líquido.

Como chego até essas famílias miseráveis na floresta, não sei bem. Muitas vezes, eles fazem com que eu atravesse as fronteiras amazônicas em frascos escondidos. Meus documentos, se é que os tenho, são forjados por eles. Eles querem me esconder até eu chegar ao meu destino. Não sou bem-visto por essas bandas por algumas pessoas, mas eles movem mundos e fundos para que eu complete minha jornada. Tenho algum valor.

Um homem tem-me em uma garrafa plástica que carrega. Ele chama a mulher e o jovem filho para irem com ele. Saem do barracão onde moram com outras pessoas miseráveis. A imponente floresta tropical os cerca de todos os lados. São magros e estão sujos. Parece que não querem estar ali. A draga suga os sedimentos do rio. A mulher, com uma peneira, separa as pedras mais pesadas. Pai e filho misturam-me às pedras. Ligo-me, por desígnio divino inescapável, ao metal dourado. Não tenho como resistir. É o que eles querem de mim desde quando eu era pedra. Que minha presença indique onde a chama da terra está. Pela segunda vez, aquecem-me a altas temperaturas. Parte de mim evapora, abrindo caminho para o brilho áureo, para que pedaços de um deus sejam revelados.

O homem tenta não me inalar. Não consegue totalmente. Tirarei anos de sua vida e de sua família. Sou como uma erva daninha para o sistema nervoso humano. Não evaporo por completo. Boa parte de mim escorre rio abaixo.

Levado pela correnteza e diluído nas águas, entro em tudo quanto é ser vivo que habita o rio. Volto a aglutinar-me nos corpos de peixes. E, assim, pelo alimento e pela água que saio das águas e chego à aldeia. Adentro corpos humanos desavisados. Carrego comigo doenças e morte, especialmente às crianças. Cheias de mim, elas ficam macilentas, mal conseguem andar. Eles não se importam com a sorte desse povo que se pinta e se veste de um jeito esquisito, que fala uma língua anômala e que mora em porcas ocas feitas de cipó, barro, folhas e cascas. Eles são poderosos, pois vendem o metal que eu revelo. Muito do que vendem vira pequenas circunferências que se encaixam em dedos humanos, simbolizando o amor. No fim, eu sou o elo trágico entre amor e morte.

ANTONIO SODRÉ

Cidade/estado: São Paulo/SP
Perfil do Instagram: @acasodre

O predestinado

Corisco acordou um dia determinado a largar a vida de jagunço e matador, dizendo-se amaldiçoado por um destino que não escolheu e arrependido por agir com tamanha crueza para com tantos conterrâneos e viventes. Cabra mau já não queria ser. E assim, do dia para a noite, Corisco se aquietou. Meteu-se a plantar o próprio alimento, ressuscitando hábitos há muito desarraigados. Voltou-se a fé. Investiu grande tempo em caminhadas pra *mode* pôr as ideias no lugar e afugentar as tentações bandidas de um passado que o ferra feito brasa em couro de gado.

No cair de uma tarde árida, Sinhô Malta veio bater-lhe à porta imbuído de mais uma missão indecorosa. Disse que de rebelião não quer saber em suas terras e que a justiça cega que iguala os homens em cidadania pode aguardar a próxima geração para se materializar, cabendo a esta postergá-la de novo, se assim convier, em prol do direito consuetudinário que vige sagrado neste sertão familiar. Mas Corisco está irredutível e diz ao patrão que deste negócio não quer mais ouvir falar. Sinhô Malta insiste, garantindo-lhe um pago forte por esse último trabalho bem logrado.

Corre o tempo e a seca aperta e castiga. Sem água, não há agricultura que prospere na caatinga, o Velho Chico tão distante. Dona Maria, que nunca se queixa, entrega o cansaço. A caminhada até o riacho seco é penosa. Eis o cenário que devolve a Corisco o destino prometido, deixando o orgulho de lado. Na próxima alvorada, ele há de recolher a espingarda e se despedir de Maria com a promessa de que não tarda a retornar. Os dias se vão e a promessa sucumbe. Maria compreende o recado.

É o patrão quem vem trazer-lhe a notícia ingrata. Para sua surpresa, a viúva não chora. É como se já soubesse desde a despedida. São os vultos da insurreição popular, cujo destino prepara um novo massacre. Até os padres comentam, aterrorizados. A união que brota da carestia se desfaz com promessas de vantagens pessoais. A dor coletiva se dilui na luta individual pela sobrevivência diária, com a escusa de uma realidade que se impõe como uma força natural. Já a lenda do matador predestinado, essa sobrevive infundida nas crenças hereditárias da nossa gente árida, sem o quê a história não vinga os seus heróis forjados.

CAIO ARAUJO

Cidade/estado: Rio de Janeiro/RJ
Perfil do Instagram: @caiocarmo85



SELECIONADOS DA CHAMADA

MARINA PACHECO

Cidade/estado: Niterói/RJ
Perfil do Instagram: @mahdpacheco_

Cósmico, mas com chinelo

Houve um tempo em que as ruas ainda pertenciam às crianças. Isso quer dizer que ninguém passava de carro sem cuidado, ninguém reclamava do barulho de um chinelo batendo na calçada rachada, e vizinhos até olhavam com uma mistura de espanto e indulgência quando uma bola invadia seu quintal. Foi ali que uma geração inteira descobriu seu pequeno Olimpo.

Meninos e meninas dos anos 90 viram, pela tela modesta de uma televisão de tubo, uma saga japonesa que parecia feita sob medida para incendiar a imaginação brasileira. Não era desenho. Era anime. Era Cavaleiros do Zodíaco. Qualquer semelhança com a realidade era mera coincidência. Um adolescente franzino podia acreditar que, com determinação e um grito exagerado, era capaz de erguer-se contra deuses e monstros imaginários. E, de algum modo, isso fazia sentido: se o protagonista japonês Seiya conseguia apanhar por vinte episódios seguidos sem cair, por que um garoto brasileiro não poderia sobreviver a uma prova de matemática?

Quando a abertura começava, tudo parava. Nada de internet, nada de pressa, só a expectativa sagrada de assistir ao próximo episódio. O encanto não estava apenas nos golpes imaginários e gritos exagerados. Estava na sensação de que cada criança carregava uma energia secreta, que acendia diante da amizade e do perigo.

A televisão aberta era um altar. Assistir aos episódios exigia disciplina quase religiosa.

De muitas reprises até um episódio novo e às vezes a promessa quase dom Sebastiana de um episódio novo que apenas alguém tinha visto de relance no comercial.

Hoje, décadas depois, a nostalgia se manifesta como um troféu meio gasto, mas ainda reluzente. Basta ouvir a musiquinha de abertura, e tudo volta: o chinelo voando como meteoro, o grito desafinado ecoando pelos becos. De repente, o advogado, a professora, o engenheiro que agora paga boletos, sente-se outra vez menino com superpoderes, parte de uma irmandade invisível, reconhecida apenas por olhares e lembranças.

E talvez seja por isso que os Cavaleiros do Zodíaco tenham sobrevivido em nossas memórias. Não apenas como desenho animado, mas como uma cartilha secreta da coragem, da amizade e do prazer simples de imaginar que o mundo, com todo o seu caos, podia ser vencido por um chinelo arremessado e um grito exagerado. Porque a infância, no fim, sempre será mais do que lembrança: é um cosmo inteiro guardado dentro do peito, pronto para explodir em estrelas de alegria e riso.

DANIEL DE SOUSA SILVA

Cidade/estado: Osasco/SP
Perfil do Instagram: @danielscias

INSÔNIA

Às 4 horas da manhã o sono resolveu acordar. Escuto o ruído do silêncio, como um zumbido no ouvido. Logo vem a lembrança desalentadora dos fatos do dia anterior. O sentimento de impotência e solidão, velhos conhecidos, chegam insistentes.

Às 4:05 escuto um carro passar, o motorista, certamente sonolento, vai trabalhar para um serviço essencial, mas se pudesse escolher estaria dormindo um invejável sono profundo em que eu também adoraria estar. Faz frio às 4:15 e imagino alguém também com insônia, uma luz se acende numa cozinha, alguém que desistiu de rolar na cama. Ou alguém que, por obrigação, tenha que sair num horário que jamais escolheria de boa vontade. Às 4:20 um cachorro late, um rápido alarme soa na garagem do prédio e uma motocicleta passa voando pela rua vazia. Não entendo por que motociclistas gostam tanto de velocidade em qualquer hora e lugar. Bem, motoristas em geral, gostam dos pés fundos no acelerador. A pressa é um *modus vivendi*. Já ouvi alguém referir-se aos motociclistas como doadores de órgãos. Isso realmente é assustador. Às 4:25 escuto o aumento do trânsito. Fico pensando no frio que as pessoas estão sentindo na direção dos veículos, ou encolhidos nos assentos dos coletivos, indo fabricar coisas, abrir portões, carregar caminhões, fazer pães, trocar de plantão no hospital, vigiar portarias e patrimônios ou tratar a água para abastecer a cidade. Imagino agora os que passam caminhando pela calçada nesse momento, mochila nas costas, friorentos, passos silenciosos, dando graças que não são os que dormem rente às calçadas com seus parques cobertores que ganharam na última doação de inverno. A insônia é perturbadora, na maioria das vezes, obsessiva.

Ela passa um tempo dividida entre pensamentos irracionais e no campo do etéreo, andando nas nuvens com a intenção de burlar realidades ou de fabricar tragédias. O horário é ideal para ruminar fatalidades futuras ou passadas. Agora já são 5:30, não preciso mais me levantar junto com os trabalhadores, então aproveito essa sorte e fico na cama quente escrevendo divagações. Porém, logo vou precisar de um café, mas é melhor esperar chegar às 7, pois parece uma hora mais razoável, quando o sol já está nascendo e os pássaros começam a cantar, mesmo depois de uma noite fria de inverno. São 7:01 e agora, sim, já é outro dia. Bom dia!

ELIANE B. LAGO

Cidade/estado: Santa Maria/RS
Perfil do Instagram: @elianeslago

O LUGAR E A DIREÇÃO – LEVEZA E SIMPLICIDADE

Desloco e coloco-me em sua direção.

Seria um passo em falso?

Doce ilusão!

Estou onde preciso estar.

Arrisco e risco-me.

Dessa vida nada vou levar,
mas durante essa caminhada,
marcas hão de ficar.

Giro em meu eixo.

Queixo-me.

Baixinho para não atrapalhar.

Em outros momentos, inevitável um grito alto não soltar.

Há dores, sempre há...

Mas certa beleza,
também não há como negar.

Sou dois em mim...

Somos muitos juntos....

Vários em ti....

Podemos ser incontáveis no mundo!

A vida tem mais graça quando compartilhada.

Para onde estás a me levar, vida?

Onde preferes acabar, morte?

Quando mudará a direção, caminho?

Qual o rumo tomar, destino?

Tudo em ti!

Não há destino, caminho, vida nem morte, caso não exista você!

Retome as recordações que remoem...
Remova os resíduos que tens registro...
Rotule a vida retendo o que lhe resta...
Retire o que não presta...
Reflita sobre o que interessa!
Viva uma vida para ti!
A vida é completa quando tem mais leveza e simplicidade!
Almas boas, sempre encontram boas Almas.

GUSTAVO TANUS

Cidade/estado: Porto Belo/SC
Perfil do Instagram: @ecosdeafetos

se eu pudesse me despedir

te mandaria o livro que escrevi para você
com versos marcados de lápis de cor
para esconder a falta de palavras bonitas
e da poética clássica que você gostava de ler
te beijaria sem medo que alguém visse
usaria o fim de desculpa para materializar
o que passei meia vida duvidando
diria para voltar e me soprar no ouvido
derrubar livros ou apagar as luzes
para eu saber que você sempre vai estar aqui
pediria para me buscar em outra vida
falaria qualquer coisa para que aquela
não fosse a última coisa dita
se eu pudesse me despedir
eu diria eu te amo
uma última vez

LETÍCIA ZAMPIÊR

Cidade/estado: Juiz de Fora/MG
Perfil do Instagram: @leticia.zampier

O vulto

A noite transcorre tranquilamente, não há barulho, não há ninguém, apenas um vulto, um vulto da noite, um vulto perdido, que busca por alguém que ficou no passado. O vulto chora, padece, lamenta, grita, foge e cai. A lama que penetra na alma funde-se com a dor e o medo. Sem força, o vulto largado ao chão retorna ao passado. Um menino correndo atrás de uma bola, uma criança marota, um beijo materno, a sala de aula, a professora que ensina, o aluno que aprende. Um dia, a festa, as bebidas, um amigo, o convite, a recusa, a pressão, a curiosidade. O vômito, a gargalhada, o desejo, a mentira, a ansiedade, a vontade, e então, o vício. Um rapaz correndo atrás de um crack, a bola se foi, o menino maroto, agora um jovem valente. A briga, a discórdia, as lágrimas, a mãe que chora, o pai que sofre. Noites sem sono, sem fome, sem dinheiro, sem “bagulho”. A necessidade, o pedido, a recusa, o desespero, o roubo, a dívida, o inimigo, a vingança, a invasão, e então, a desgraça. Pai que morre, mãe que se suicida. Um vulto correndo atrás do tempo perdido, da bola esquecida, procura um abrigo em seu coração. Em busca de alguém, o vulto vagueia, agora da lama, o vulto levanta, e então, o arrependimento. O vulto na ponte, cansado da vida, vê um menino segurando uma bola, a bola na água cai, o menino também cai e o vulto pula atrás. No dia seguinte, as redes sociais anunciam a morte de um rapaz de 17 anos.

MEIRE MORAES

Cidade/estado: Cuiabá/MT
Perfil do Instagram: @meiremoraes2015

A descoberta da ficção

Depois dos passos ousados, descobriu-se no novo mundo. Digitadas com o vigor da juventude outrora esquecida, as palavras multiplicavam-se na tela - apressadas, afoitas - parecendo querer devorar cada espaço livre e cada marcação. Não sobrava espaço para certezas. E, em meio a todas as dúvidas possíveis, ele, o texto, foi surgindo. Tímido no início, mas constante, não se saberia ainda se alegre ou triste. Ele apenas existia. Ventou feito o ar fresco e imponente que enche a vela das esperanças e revelações mais profundas, permitindo-lhes chegar à tona e levando, assim, o barco da vida para alguma nova praia e direção - por ora desconhecida. Misteriosa. O movimento o fez respirar novamente. A visão turva, nublada e quase sem foco que antes dominava seus dias do início ao fim - e o desesperava como a um marinheiro que carecesse de óculos - pouco a pouco se dissipava, ao toque firme e coerente dos dedos no teclado do computador. As mãos, levemente enrugadas e há muito acostumadas a tantos tipos de trabalhos diários para se poder levar uma vida comum e minimamente digna, eram agora como extensões semiautônomas de uma mente com um brilho novo por nascer. Deslizando rápidas pelas teclas pretas de letras brancas, ao sabor de seus pensamentos, pareciam duas bailarinas em noite de apresentação, fazendo pausas ocasionais em meio aos saltos e rodopios. Um mundo inteiro se abria diante dos olhos da imaginação que agora colocava em prática. De fato, não era por falta de leituras em sua vida que ainda não havia provado como seria estar do outro lado - como o criador de seu próprio universo. Uma circunstância favorável, e, portanto, feliz, facilitou-lhe dar esse próximo passo.

Influências positivas, motivações e companheiros de escrita são algo raro e devem ser bem aproveitados. Chegara, então, o momento oportuno de seu encontro íntimo e pessoal com o mundo das palavras. Não com palavras técnicas ou acadêmicas, mas com palavras-portais, que criam novas realidades. Com palavras-fogueiras, que molham e secam nossos sentimentos, que fazem do impossível o mais completo real. Brotam da mente as imagens, cenas e cenários de um lugar especial e só dele, materializando-se em páginas e personagens. Pessoas de sua vida, experiências dignas de nota, sua coleção de medos, esperanças e angústias. Seus amores, suas perdas. Cada matéria-prima da experiência humana lhe mostrava o caminho novo a seguir - a próxima sentença a ser escrita. Aos poucos, ele criava seu refúgio, que, muito em breve, também ganharia o mundo.

NINA PINHEIRO DE BRITTO

Cidade/estado: Florianópolis/SC

Perfil do Instagram: @satellitecomesandgoes

AMOR.LTDA

Hoje recebi uma mensagem: “tá, você gosta dele. Mas é recíproco?” Talvez a intenção não fosse me jogar um balde de água fria, mas apenas me proteger. Ainda assim, me pergunto: será que sentir é tão ruim quanto fazem parecer? Parece que um sentimento só é validado se o outro sentir também. Cof, cof... esqueceram do antigo e famoso “amor platônico”? A beleza do abstrato. Estamos tão acostumados a uma sociedade performática, que essa necessidade de validação está atingindo até mesmo os sentimentos e relacionamentos.

A sensação que tenho é que, para gostar de alguém, essa pessoa precisa obrigatoriamente fazer algo por mim. Não se trata do que eu sinto, mas da troca. Se o outro fizer A, B ou C, como um checklist de favores emocionais. Onde vamos parar com isso? E os românticos? Para essa pequena raça em extinção, gostar não está condicionado ao que o outro entrega. Não existe uma troca de favores atrelada ao sentimento. Não é um pacotinho simétrico, perfeitamente embalado e medido na balança do supermercado.

Gostar, para eles, está nos detalhes: o som da risada, o encontro dos olhos, a dança das mãos que buscam o toque, o vento que serpenteia o cabelo de um jeito específico, as confissões feitas tarde da noite, os segredos compartilhados. Pequenos gestos que passam despercebidos para quem não tem a lente apurada.

No fim, gostar não é um produto feito sob medida. Sentir abre espaço para a vulnerabilidade — e nela também mora a dor.

Te pergunto agora, caro leitor: o quão disposto você está a sustentar o que sente?

TATIANNNA DUARTE

Cidade/estado: Esperança/Paraíba
Perfil do Instagram: @duarte.tatianna

O espelho do quarto nº 04

O hotel era barato demais. E também era a única opção. A cidade era tão pequena e ruim nos confins de Mato Grosso, que não existia outro hotel além daquele num raio de centenas de quilômetros. Nem pousada. Talvez algum quarto em alguma fazenda ou casa de bom coração. Somente.

Quarto nº 04. Pequeno, mal ventilado. Cheirava mofo. Porém, chão limpo e lençóis trocados e bem arrumados. Na parede, um espelho velho, manchado e com moldura descascada.

Na primeira noite, Clara se levantou da cama e se dirigiu ao espelho para pentear seus cabelos. O reflexo no espelho demorou alguns segundos para acompanhá-la. Sagaz, ela percebeu. Moveu a cabeça... ergueu o braço esquerdo. O reflexo a seguiu com instantes de atraso. Um tanto nervosa, sorriu. Deve ser o cansaço. A viagem até a pequena vila foi exaustiva. Na época das chuvas intensas, inserida na floresta Amazônica do lado norte do Mato Grosso, as estradas de terra são péssimas. Na segunda noite, o reflexo piscou. Mas Clara não havia piscado. Somente isso aconteceu. Clara testou novamente o reflexo no espelho, mas ele a acompanhou normalmente. "Deve ser meu cérebro me enganando". Na terceira noite, o reflexo sorriu mostrando todos os dentes e um globo ocular preto. Clara se afastou num susto. Num tropeço, caiu na cama. Levantou-se ofegante. Cobriu o espelho com o cobertor.

...

Madrugada, três horas da manhã. Acordou com três badaladas de um relógio antigo. Não havia relógio no hotel, nem ao menos no quarto de nº 04. Como isso era possível? Estaria sonhando? Logo escutou um barulho do vidro do espelho sendo arranhado.

Olhou apavorada para o lado. O cobertor estava no chão. Sentou-se na cama. A claridade opaca da Lua bruniu sua pele. No espelho, seu reflexo parecia dormir tranquilamente. Percebeu a porta do quarto entreaberta. De súbito, se fechou. No espelho, ela já estava fechada. Escutou a fechadura sendo trancada. Olhou para suas mãos. A luz a clareava. Olhou para o espelho. Levantou-se e o tocou. O barulho dos arranhões voltaram freneticamente velozes. Viu várias mãos suas arranhando alucinadamente o espelho do seu lado. Não havia ninguém no quarto nº 04 refletido nele. Ninguém. Ela percebeu que não havia ninguém. Não havia ninguém. O quarto estava vazio. Ninguém. Não há ninguém ali! Exceto ela.. Presa. Por dentro do vidro.

VINICIO MOREIRA DA SILVA FILHO

Cidade/estado: Brasília/DF

Perfil do Instagram: @viniomoreirafilho

**APOIE O NOSSO
TRABALHO CURTINDO,
COMENTANDO E
COMPARTILHANDO A
REVISTA.**

**USE AS NOSSAS
HASHTAGS**

#REVISTAESCRIBAS

#COLETIVOESCRIBAS

**SIGA OS NOSSOS
PERFIS:**

@REVISTAESCRIBAS

@COLETIVOESCRIBAS

**DESEJA TER O SEU
TRABALHO DIVULGADO
NA REVISTA ESCRIBAS?**

**ACOMPANHE NOSSOS
PERFIS E FIQUE ATENTO
ÀS CHAMADAS.**

